

UNICAMP – 2005

2ª Fase

PORTUGUÊS

Português – Questão 01

GARFIELD - Jim Davis



(Folha de S. Paulo, 11 de outubro de 2004).

Na tira de Garfield, a comicidade se dá por uma dupla possibilidade de leitura.

- A) **EXPLÍCITE** as duas leituras possíveis e **EXPLIQUE** como se constrói cada uma delas.
B) Use vírgula(s) para discernir uma leitura da outra.

RESOLUÇÃO:

No item A, o candidato deveria evidenciar e explicar os dois sentidos possíveis para a expressão “comida para gato com pouca gordura”. Na resposta, deveria ficar evidente que essa ambiguidade deve-se ao fato de, dado o modo como a frase foi estruturada, ser possível ligar o termo “com pouca gordura” tanto a “gato” quanto a “comida”. As duas leituras possíveis são as seguintes:

• **Comida** pra gato **com pouca gordura**. → nesse caso, “com pouca gordura” deve ser entendida como uma característica da comida, funcionando como complemento desse termo; a frase, poderia ser re-escrita da seguinte forma, de modo a evidenciar esse sentido: “A comida, que é para gatos, tem pouca gordura”.

• Comida pra **gato com pouca gordura**. → nesse caso, “com pouca gordura” deve ser entendida como uma característica de gato, funcionando como complemento desse termo; para privilegiar esse sentido, seria possível re-escrever a frase assim: “Comida pra gatos que têm pouca gordura”.

Para evidenciar os dois sentidos possíveis, utilizando somente vírgula(s), sem alterar a ordem dos termos no enunciado, conforme solicita o item B, o candidato deveria, mesmo que intuitivamente, conhecer a regra segundo a qual não se separam núcleos substantivos de seus complementos.

Assim para evidenciar o primeiro sentido exposto em A, bastaria isolar com vírgulas o termo “para gato” ou separá-lo da expressão “com pouca gordura”, como a seguir:

- Comida, para gato, com pouca gordura. OU
- Comida para gato, com pouca gordura.

Para evidenciar o segundo sentido, bastaria separar o termo “comida”, mantendo como uma única expressão “gato com pouca gordura”. Observe:

- Comida, para gato com pouca gordura.

Português – Questão 02

Na primeira página da *Folha de S. Paulo* de 22 de outubro de 2004, encontramos uma sequência de fotos acompanhada de uma legenda cujo título é: "A QUEDA DE FIDEL". No texto da legenda, o jornal explica: O ditador cubano, Fidel Castro, 78, se desequilibra e cai após discursar em praça de Santa Clara (Cuba), em evento transmitido ao vivo pela TV; logo depois, ele disse achar que havia quebrado o joelho e talvez um braço, mas que estava "inteiro"; mais tarde, o governo divulgou que Fidel fraturou o joelho esquerdo e teve fissura do braço direito.

A) O que a leitura desse título provoca? Por quê?

B) Proponha um outro título para a legenda. **JUSTIFIQUE** sua resposta.

RESOLUÇÃO:

Para responder ao item A, o candidato deveria evidenciar que a palavra "queda" pode ser entendida em dois sentidos. Tendo em vista que Fidel Castro é o líder político cubano e que permanece nesse posto há muito tempo, seria possível entender "queda" como "deposição", "destituição" do poder. O outro sentido, evidenciado pelas fotos mencionadas e pelo texto da notícia, é o de "queda física", "tombo". O título é, no mínimo, intrigante e, com certeza, chama a atenção do leitor, pois faz com que ele se lembre de um assunto sério – a queda de um ditador –, ainda que noticie um assunto de menor relevância – um acidente, um tombo que rendeu alguns ferimentos à vítima.

No item B, o candidato pode propor qualquer título, desde que nele se evidencie o tombo, o acidente ocorrido com Fidel. Alguns possíveis são: "O tombo de Fidel", "Fidel se desequilibra e cai", "O tropeço de Fidel". Tais títulos são, certamente, mais precisos em relação ao conteúdo da notícia.

Português – Questão 03

Foi no tempo em que a Bandeirantes recém-inaugurara suas novas instalações no Morumbi. Não havia transporte público até o nosso local de trabalho, e a direção da casa organizou um serviço com viaturas próprias. (...) Paraná era um dos motoristas. (...)

Numa das subidas para o Morumbi “fechou” sem nenhuma maldade um automóvel. O cidadão que o dirigia estava com os filhos, era diretor do São Paulo F.C., e largou o verbo em cima do pobre do Paraná. Que respondeu à altura. Logo depois que a perua chegou ao Morumbi, todo mundo de ponto batido, o automóvel para em frente da porta dos funcionários, e o seu condutor desce bufando: “Onde está o motorista dessa perua? (e lá vinha chegando o Paraná). Você me ofendeu na frente dos meus filhos. Não tem o direito de agir dessa forma, me chamar do nome que me chamou. Vou falar ao João Saad, que é meu amigo!” E o Paraná, já fuzilando, dedo em riste, tonitruou em seu sotaque mais que explícito: “Le” chamei e “le” chamo de novo... veado ... veado ... Não houve reação da parte ofendida.

(Flávio Araújo. *O rádio, o futebol e a vida*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001, p. 50-1).

A) Na sequência “(...) e largou o verbo em cima do pobre do Paraná. Que respondeu à altura”, se trocarmos o ponto final que aparece depois de ‘Paraná’ por uma vírgula, ocorrem mudanças na leitura? **JUSTIFIQUE** sua resposta.

B) O trecho da resposta de Paraná “Le chamei e le chamo de novo ...” chama a atenção do leitor para a sintaxe da língua. **EXPLIQUE**.

C) Substitua ‘tonitruou’ por outra palavra ou expressão.

RESOLUÇÃO:

No item A, o candidato deve deixar claro que a substituição do ponto por uma vírgula não altera as relações de referência no texto, já que o pronome relativo “que” continua tendo como antecedente “Paraná”. Entretanto, caso se desse a substituição, a entonação e o ritmo de leitura, certamente, seriam alterados. Provavelmente, o autor optou por usar o ponto final por questões estilísticas, a fim de evidenciar a oposição e a independência entre a ação do outro motorista – a de “largar o verbo” – e a ação de Paraná – a de “responder à altura”. Retirando-se a vírgula, tal oposição ficaria menos evidente, bem como a independência de um personagem em relação ao outro.

No item B, o candidato deve perceber que o personagem usa o a forma “le” como equivalente de “lhe”, provavelmente com a intenção de elaborar um discurso mais formal. Contudo, além de usar a forma incorreta, comete outro deslize gramatical ao iniciar a frase com um pronome oblíquo. A resposta de Paraná é um típico exemplo de hipercorreção, processo no qual o falante, na intenção de usar um registro que não domina ou domina mal a fim de demonstrar *status*, erudição, acaba distanciando-se do padrão culto formal.

No item C, novamente a UNICAMP testa a capacidade do candidato de inferir o sentido de uma palavra a partir do contexto em que ela aparece. Para atender ao que se pede, bastaria re-escrever o trecho, substituindo “tonitruou” por “retrucou”, “esbravejou”, “gritou”, ou qualquer outra construção que remetesse a essas ideias.

Português – Questão 04

Em um jornal de circulação restrita, vemos, na capa, a seguinte chamada:

Inspire

saúde!

Sem fumar,

respire

aliviado!

No interior do Jornal, a matéria começa da seguinte forma: “Desperte o nãofumante que há em você!”, seguida logo adiante de O fumante passivo – aquele que não fuma, mas frequenta ambientes poluídos pela fumaça do cigarro – também tem sua saúde prejudicada.

(Jornal da Cassi – Publicação da Caixa de Assistência dos Funcionários do Banco do Brasil, ano IX, n. 40, junho/julho de 2004).

Levando em consideração os trechos citados, observamos, na chamada da capa, um interessante jogo polissêmico.

A) Apresente dois sentidos de ‘Inspire’ em ‘Inspire saúde!’. **JUSTIFIQUE** sua resposta.

B) Apresente dois sentidos de ‘aliviado’ em ‘respire aliviado!’. **JUSTIFIQUE** sua resposta.

RESOLUÇÃO:

No item A, deve-se demonstrar que no enunciado “Inspire Saúde!” a forma verbal “inspire” pode adquirir dois sentidos. Primeiro pode remeter à ideia de “respirar”, “absorver”. Tendo em vista que o texto é antitabagista e alerta para os riscos a que os fumantes submetem os nãofumantes com que convivem, “inspirar saúde” significa parar de fumar e, assim, respirar e deixar que os outros respirem um ar saudável, não contaminado com substâncias presentes no cigarro. O segundo sentido para “inspire” é o de “sugerir”, ou seja, “motivar outros a agirem em conformidade com uma ideia”. Levando em conta essa definição, entende-se “inspire saúde” como um incentivo para que os fumantes abandonem o vício e, com isso, despertem em outros fumantes a vontade de também o fazerem, tornando-se mais saudáveis.

O item B, tal como o A, também explora a duplicidade de sentidos de um dos termos do texto, nesse caso, no enunciado “respire aliviado”. Nessa frase, a ideia de alívio pode ser associada ao físico, já que a saúde do fumante e das pessoas que convivem com ele melhora depois que ele para de fumar. O fato de que todos respiram um ar mais puro também pode ser relacionado ao termo. A sensação de alívio pode ser associada, também, ao emocional, já que um ex-fumante não poderá ser responsabilizado por prejudicar a sua própria saúde e a das outras pessoas que convivem com ele.

Português – Questão 05

Em *Angústia* de Graciliano Ramos, encontramos sequências instigantes:

Penso em indivíduos e em objetos que não têm relação com os desenhos: processos, orçamentos, o diretor, o secretário, políticos, sujeitos remediados que me desprezam porque sou um pobre-diabo. Tipos bestas. Ficam dias inteiros fuxicando nos cafés e preguiçando, indecentes.

(...)

Fomos morar na vila. Meteram-me na escola de seu Antônio Justino, para desasnar, pois, como disse Camilo quando me apresentou ao mestre, eu era um cavalo de dez anos e não conhecia a mão direita. Aprendi leitura, o catecismo, a conjugação dos verbos. O professor dormia durante as lições. E a gente bocejava olhando as paredes, esperando que uma réstia chegasse ao risco de lápis que marcava duas horas. Saíamos em algazarra.

(Graciliano Ramos. *Angústia*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 56ª.ed., 2003, p. 8-9 e 15).

- A) Que processos permitem as construções 'preguiçando' e 'desasnar' na língua?
- B) Se substituirmos 'preguiçando' por 'descansando' e 'desasnar' por 'aprender', observamos uma relação diferente com a poesia da língua. **EXPLICITE** essa diferença.
- C) O uso de 'desasnar' pode nos remeter, entre outras palavras, a 'desemburrecer' e 'desemburrar'. No *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (ed. Objetiva, 2001), o verbete 'desemburrar' apresenta como acepções tanto 'livrar-se da ignorância', quanto 'perder o enfezamento', e marca sua etimologia como des + emburrar.

Seguindo nossa consulta, encontramos no verbete 'emburrar' o ano de 1647 que, segundo a Chave do Dicionário Houaiss, indica a "data em que [essa palavra] entrou no português". A fonte dessa datação é a obra *Thesouro da língua portuguesa* composta pelo Padre D. Bento Pereyra, publicada em Lisboa.

Embora 'desemburrecer' não apareça no dicionário, encontramos 'emburrecer', cuja entrada no português, segundo o Houaiss, data de 1998, atestada pela obra de Celso Pedro Luft, *Dicionário prático de regência verbal*, publicada em São Paulo.

O verbete 'desasnar' data de 1713, atestado pela obra *Vocabulário portuguesa e latino*, de Rafael Bluteau, publicada em Coimbra-Lisboa.

Tendo em vista as observações acima apresentadas – a presença ou não desses verbetes no dicionário, as datas de entrada no português e as fontes que atestam essas entradas – o que se pode compreender sobre a relação entre o dicionário e a língua?

RESOLUÇÃO:

Essa questão explora processos de formação de palavras que permitem a criação de novos termos na língua. Nela, o candidato, além de reconhecer tais processos, deve explicar as intenções estilísticas do autor ao optar por criar termos, em vez de usar outros já conhecidos.

No item A, o candidato deveria identificar a derivação como o processo que permite criar os termos "preguiçando" e "desasnar". Entende-se por derivação o processo de formação de palavras que se dá pela anexação de afixos a radicais ou palavras primitivas. Embora não seja necessário demonstrar esses esse processo, vale saber que tais termos foram formados das seguintes formas:

- preguiçando → o termo foi criado formando-se um verbo (preguiçar) a partir de um substantivo (preguiça) através da anexação do sufixo -ar; após criado, o verbo foi flexionado no gerúndio, anexando-se a ele a desinência -ndo.
- desasnar → o termo foi criado formando-se um verbo (asnar) a partir de um substantivo (asno) através da anexação do sufixo -ar; formado o verbo, acrescentou-se a ele o prefixo de negação des-.

Para responder ao item B, o candidato deveria perceber que "descansando" e "aprender" não são sinônimos perfeitos para os termos utilizados pelo autor.

O termo "preguiçando" faz clara referência à "preguiça", um pecado capital ou vício de caráter. Além disso, para que haja "descanso", é necessário que, antes, tenha existido "trabalho", o que não se aplica à situação descrita no texto. Sendo assim, "preguiçando" possui uma conotação mais negativa que "descansando", o que reforça a avaliação pejorativa que o narrador faz, no primeiro trecho, da postura dos "sujeitos remediados".

O termo "desasnar" também é mais negativo que "aprender", pois a ele está associada à ideia de "burrice", "ignorância extrema", "animalidade". Dessa forma, "aprender" não é um sinônimo perfeito para "desasnar", já que não pressupõe que o estágio anterior à aprendizagem seja caracterizado pela "burrice". Caso usasse o termo "aprender", o autor não teria como resultado o mesmo efeito estilístico que obteve com o uso da palavra "desasnar", já que, no trecho, esta explicita a avaliação que o personagem Camilo faz do narrador.

No item C, o candidato deve demonstrar que a relação entre o dicionário – publicação que, teoricamente, contém informações sobre todo léxico (vocabulário) de uma língua – e a língua real – usada e constantemente modificada pelos falantes – não é completamente fidedigna. Assim, embora se reconheça a utilidade dos dicionários para os registros históricos e a determinação de alguns contextos de uso das palavras, deve-se entender que a língua é dinâmica e está em constante transformação, o que faz com que muitos termos produtivos, geralmente pertencentes à variante não-padrão, inexistam nesse tipo de publicação ou sejam apenas parcialmente descritos.

Português – Questão 06

Mario Sergio Cortella, em sua coluna mensal "Outras Ideias" escreve:

(...) reconheça-se: a maior contribuição de Colombo não foi ter colocado um ovo em pé ou ter aportado por aqui depois de singrar mares nunca dantes navegados. Colombo precisa ser lembrado como a pessoa que permitiu a nós, falantes do inglês, do francês ou do português, que tivéssemos contato com uma língua que, do México até o extremo sul da América, é capaz de nos ensinar a dizer "nosotros" em vez de apenas "we", "nous", "nós", afastando a arrogante postura do "nós" de um lado e do "vocês" do outro. Pode parecer pouco, mas "nós" é quase barreira que separa, enquanto "nosotros" exige perceber uma visão de alteridade, isto é, ver o outro como um outro, e não como um estranho. Afinal, quem são os outros de nós mesmos? O mesmo que somos para os outros, ou seja, outros!

(Mario Sergio Cortella. *Folha de S.Paulo*, 9 de outubro de 2003).

O texto anterior nos faz pensar na distinção entre um 'nós' inclusivo e um 'nós' excludente.

A) Segundo o excerto, 'nosotros' apresenta um sentido inclusivo. **JUSTIFIQUE** sua resposta pela morfologia dessa palavra.

B) "Nós brasileiros falamos português" apresenta um 'nós' excludente. **EXPLIQUE**.

RESOLUÇÃO:

Para atender ao que se pede no item A, o candidato deve explicar que "nosotros" – pronome pessoal da primeira pessoa do plural na língua espanhola –, se analisado levando-se em conta a morfologia do português, aglutina em si tanto o pronome pessoal "nós", quanto o indefinido "outros". Enquanto, no português, os pronomes excluem-se devido à sua semântica, em "nosotros", eles coexistem, o que torna possível referir-se simultaneamente a "nós" e aos "outros". Por isso, o autor relaciona "nosotros" à ideia de alteridade, segundo a qual cada sujeito ou grupo define-se a partir das peculiaridades que tem em relação aos outros; "nós" é apenas mais um dos muitos grupos de "outros".

Para mostrar, no item B, que "nós" é excludente, o candidato pode considerar os aspectos semânticos desse pronome em relação ao pronome "outros". No português, "nós" e "outros" referem-se, obrigatoriamente, a grupos distintos de pessoas. Quando se utiliza "nós" elimina-se, semanticamente, a possibilidade de fazer referência aos "outros". A oração "nós brasileiros falamos português" pode servir de exemplo para explicitar esse raciocínio. Nessa frase, reforçado por "brasileiros", o "nós" excluiria todos os outros os indivíduos de outros povos que também falam português, assim como aqueles que, apesar de serem brasileiros, não falam português.

Português – Questão 07

Leia o seguinte trecho do conto "O enfermeiro":

Fui até a cama; vi o cadáver, com os olhos arregalados e a boca aberta, como deixando passar a eterna palavra dos séculos: "Caim, que fizeste de teu irmão?"

(Machado de Assis, "Várias Histórias", em *Obra Completa*, v.II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, p. 532)

- A) A qual episódio do conto essa citação bíblica remete?
- B) O que leva o narrador a relacionar o episódio narrado com a citação bíblica?
- C) De que modo o desfecho do conto revela uma outra faceta do narrador-personagem?

RESOLUÇÃO:

Do livro *Várias Histórias*, este conto é narrado em primeira pessoa, pelo narrador-personagem Procópio José Gomes Valongo que, em 1860, está a poucos passos da morte. Precisando de um serviço, no passado, obtém o cargo de enfermeiro, graças à intervenção de um padre, seu amigo. O doente era o Coronel Felisberto, homem insuportável, estúrdio, exigente, sempre a humilhar Procópio, xingando-o de burro, camelo, pedaço de asno, idiota, moleirão. Uma noite, sendo atingido por um objeto, perde a paciência e agarra o pescoço do doente, estrangulando-o. O item A refere-se justamente a essa passagem. Através da citação bíblica, o narrador relembra o episódio em que, enfurecido, acaba matando, involuntariamente, o Coronel Felisberto. Depois da luta, Procópio volta ao quarto, para limpar a cena do crime e vê o cadáver, momento exato em que tece as reflexões destacadas.

O item 'b' estabelece uma aproximação mais íntima entre a citação bíblica e o conto, pois tal como Caim, que mata seu irmão Abel e sente culpa pela realização desse ato, o enfermeiro também sente todo o peso da dor e do remorso pelo crime cometido contra o próximo.

O item 'c' trata do desfecho do conto, momento em que o leitor percebe, por meio da ironia machadiana, a possibilidade de um crime premeditado e não involuntário, como se achava até então. O remorso do enfermeiro é trocado pela ambição e interesse pela herança do Coronel Felisberto. No final do texto, o enfermeiro recebe a herança e alivia um pouco sua consciência. O leitor percebe aí um homem que se move por dinheiro e interesse.

Português – Questão 08

Leia o poema a seguir, de Manuel António Pina, importante nome da lírica portuguesa contemporânea:

AGORA É

Agora é diferente
Tenho o teu nome o teu cheiro
A minha roupa de repente
Ficou com o teu cheiro

Agora estamos misturados
No meio de nós já não cabe amor
Já não arranjamos
Lugar para o amor

Já não arranjamos vagar
Para o amor agora
Isto vai devagar
Isto agora demora

(Manuel António Pina, *Poesia Reunida (1974-2001)*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001, p. 49)

- A) O poema trata de uma transformação. Explique-a.
- B) Que palavra marca essa transformação?
- C) Qual a diferença introduzida por essa transformação no tratamento convencional dão ao tema?

RESOLUÇÃO:

A temática do amor e sua transformação funcionam como um eixo estruturador do poema. A primeira estrofe marca o sentimento de união e a intimidade desejada, tão própria da “paixão” inicial de um relacionamento. A voz do texto espera um amor diferente, mas a rotina e a passagem do tempo acabam reduzindo esse amor ao simples convívio, arrastado aos limites do suportável e fadado à morte. Há uma espécie de gradação no poema, traduzido na passagem inexorável do tempo e na transformação do amor. No final do texto, o eu-lírico lamenta aquilo que perdeu (a paixão, a proximidade física) e aquilo que restou (o tédio, a rotina).

No item ‘b’, a palavra agora marca a transformação desse amor. Ou seja, todas as estrofes tratam de um presente: primeiro, o desejo; depois, a união carnal; por fim, o desgaste da relação.

O item ‘c’ contrapõe uma visão idealizada do amor, presente no senso comum e na literatura universal, ao desgaste amoroso imposto pelo tempo, na concretude desse amor. Ou seja, o poema mostra que, depois da realização máxima do amor – a união dos amantes – esse mesmo amor está fadado à morte.

Português – Questão 09

Leia a seguinte passagem do conto “A sociedade”:

O esperado grito do cláxon fechou o livro de Henri Ardel e trouxe Teresa Rita do escritório para o terraço.

O Lancia passou como quem não quer. Quase parando. A mão enluvada cumprimentou com o chapéu Borsalino. Uiiiiia-uiiiiia! Adriano Melli calcou o acelerador. Na primeira esquina fez a curva. Veio voltando. Passou de novo. Continuou. Mais duzentos metros. Outra curva. Sempre na mesma rua. Gostava dela. Era a Rua da Liberdade. Pouco antes do número 259-C já sabe: uiiiiia-uiiiiia!

(Antônio de Alcântara Machado. *Brás, Bexiga e Barra Funda*, em *Novelas Paulistas*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1959, p.25)

A) No trecho anterior, a linguagem e as imagens apontam para a influência das vanguardas no primeiro momento modernista. **SELECIONE** dois exemplos e **comente-os**.

B) O título refere-se a mais de uma sociedade presente no conto. Quais são elas?

RESOLUÇÃO:

O excerto anterior ilustra bem a técnica narrativa que se transformou em uma marca de Alcântara Machado: cenas rápidas, cinematográficas, com cortes bruscos e instantes fotográficos. O cotidiano da cidade de São Paulo – com seus pequenos comerciantes, costureiras, empregados de armazém – é construído aos poucos através do olhar desse cronista dos imigrantes italianos.

O item ‘a’ apresenta estas duas estratégias: a linguagem rápida e cinematográfica, como na montagem de um filme, e a caracterização de um cotidiano típico dos bairros e gentes italianas em São Paulo nos anos 20. Ou seja, a linguagem utilizada por Alcântara Machado lembra técnicas da vanguarda (o cubismo e o futurismo), bem como a imagem construída pelo cronista, que tenta apanhar a cidade mimeticamente por meio da representação do automóvel (movimentos, sons e velocidade), apresenta recursos próprios do futurismo, como a onomatopeia (uiiiiia-uiiiiia!) e a prosopopeia (“O Lancia passou como quem não quer”).

O título do conto, no item ‘b’, faz referência tanto ao pano de fundo que percorre toda obra – a sociedade ou comunidade dos ítalo-paulistas no princípio do século XX, quanto ao acordo social, ou sociedade, que se estabelece entre as famílias das personagens Adriano e Maria Rita, no corpo da narrativa.

Português – Questão 10

Leia os diálogos a seguir da peça “O Velho da Horta”, de Gil Vicente:

(Mocinha) – Estás doente, ou que haveis?

(Velho) – Ai! Não sei, desconsolado,
Que nasci desventurado

(Mocinha) – Não choreis;
Mais mal fadada vai aquela.

(Velho) – Quem?

(Mocinha) – Branca Gil

(Velho) – Como?

(Mocinha) – Com cent’açoutes no lombo,
E uma corocha pro capela
E ter mão;
Leva tão bom coração,
Como se fosse em folia.
Ó que grandes que lhos dão!

(Gil Vicente. O Velho da Horta, em Cleonice Berardinelli(org.). *Antologia do Teatro de Gil Vicente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Brasília, INL, 1984, p.274)

- A) A qual desventura refere-se o Velho neste diálogo com a Mocinha?
- B) A que se deve o castigo imposto a Branca Gil?
- C) Diante do castigo, Branca Gil adota uma atitude paradoxal. Por quê?

RESOLUÇÃO:

Para realizar a devida crítica aos costumes e valores de sua época, Gil Vicente adotava o riso como instrumento de moralização. Ao expor os vícios e pecados em uma situação facilmente identificada pela plateia, como a do velho que se apaixona por uma mulher muito jovem, o autor acaba ridicularizando o comportamento condenado pelos valores da época. Ao mesmo tempo em que diverte, a pena de Gil Vicente educa.

O item ‘a’ apresenta a amargura do Velho, enganado pela alcoviteira Branca Gil, sem dinheiro e, principalmente, sem o amor da jovem moça, por quem apaixona-se perdidamente.

O item ‘b’ trata da personagem Branca Gil, que recebe o castigo de “cent’açoutes no lombo” por ter ludibriado e extorquido o Velho. Branca Gil prometera ajudá-lo a conquistar a jovem moça, mas seu real interesse era apenas arrancar dinheiro do Velho.

O item ‘c’, a atitude de Branca Gil se revela paradoxal por não se mostrar arrependida e submissa durante o castigo e a prisão. Tal comportamento deve ao fato de que não seria a primeira e última vez em que Branca Gil era presa, revelando aí sua naturalidade em lidar com a situação.

Português – Questão 11

Leia o seguinte trecho extraído do romance *Angústia*:

Onde andariam os outros vagabundos daquele tempo? Naturalmente a fome antiga me enfraqueceu a memória. Lembro-me de vultos bisonhos que se arrastavam como bichos, remoendo pragas. Que fim teriam levado? Mortos nos hospitais, nas cadeias, debaixo dos bondes, nos rolos sangrentos das favelas. Alguns raros, teriam conseguido, como eu, um emprego público, seriam parafusos insignificantes na máquina do Estado e estariam visitando outras favelas, desajeitados, ignorando tudo, olhando com assombro as pessoas e as coisas. Teriam as suas pequeninas almas de parafusos fazendo voltas num lugar só.

(Graciliano Ramos. *Angústia*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 56ª. Ed., 2003, p. 140-1)

- A) No momento da narração, a posição social do narrador-personagem difere de sua condição de origem? **RESPONDA** sim ou não e **JUSTIFIQUE** sua resposta.
- B) Na citação anterior, o termo parafusos remete ao verbo parafusar que, além do significado mais conhecido, também tem o sentido de pensar, cismar, refletir, matutar. Como esses dois sentidos podem ser relacionados ao modo de ser do narrador-personagem?
- C) De que maneira o segundo sentido do verbo parafusar está expresso na técnica narrativa de *Angústia*?

RESOLUÇÃO:

O item 'a' cobra uma resposta afirmativa, pois a condição do narrador-personagem, no presente, difere bem de seu passado. Luís da Silva é representante de uma antiga oligarquia rural decadente. Empobrecido, quase miserável, o narrador se submeteu a vários pequenos empregos até conseguir um lugar no funcionalismo público mal remunerado e tem de vender artigos e poemas para estudantes para completar sua renda.

O termo parafusar, no item 'b', nos remete a uma reificação do ser humano, movimento em que percebemos o narrador como uma "peça" ou "instrumento" insignificante da máquina do estado, um rele parafuso substituível a qualquer instante. O termo também faz alusão a natureza introspectiva do narrador, sempre às voltas consigo, "parafusando" um mesmo e sempre lugar.

O sentido do verbo parafusar está expresso em *Angústia* na medida em que a obra apresenta uma narrativa memorialística, ensimesmada, que se vale do fluxo de consciência do narrador, atravessando sonhos, lembranças e livre associação. A imagem do parafuso acaba se tornando uma espécie de eixo estruturador da obra.

Português – Questão 12

Leia este poema de Cecília Meireles:

Desenho

Traça a reta e a curva,
A quebrada e a sinuosa
Tudo é preciso.
De tudo viverás.

Cuida com exatidão da perpendicular
E das paralelas perfeitas.
Com apurado rigor.
Sem esquadro, sem nível, sem fio de prumo,
Traçarás perspectivas, projetarás estruturas.
Número, ritmo, distância, dimensão.
Tens os teus olhos, o teu pulso, a tua memória.

Construirás os labirintos impermanentes
Que sucessivamente habitarás.

Todos os dias estás refazendo o teu desenho.
Não te fatigues logo. Tens trabalho para toda a vida.
E nem para o teu sepulcro terás a medida certa.

Somos sempre um pouco menos do que pensávamos.
Raramente, um pouco mais.

(Cecília Meireles, O estudante empírico, em Antonio Carlos Secchin (org). *Poesia Completa*. Tomo II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 1455-56)

- A) Tanto o título quanto as imagens do poema remetem a um domínio do conhecimento humano. Que domínio é esse?
- B) Em que sentido são empregadas tais imagens no poema?
- C) Esse sentido acaba por se contrariado ao longo do poema? **RESPONDA** sim ou não e **JUSTIFIQUE** sua resposta.

RESOLUÇÃO:

O título do poema, no item 'a', faz referência à geometria, ciência utilizada e aplicada pela engenharia e arquitetura. As imagens que percorrem o poema (reta, curva, perpendicular, paralelas) também fazem parte desse mesmo campo semântico.

As imagens são empregadas no poema associadas à ideia de um projeto e construção de vida racional, planejada meticulosamente, tal como a construção de uma casa.

O item 'c' pede uma resposta afirmativa, pois o leitor facilmente percebe o fracasso desse projeto de vida, pois as imagens de exatidão e rigor se desfazem perante as incertezas, fracassos e decepções da vida. A terceira estrofe comprova bem essa ideia: "Construirás os labirintos impermanentes/ Que sucessivamente habitarás.